

**TORRES, Adelino, HORIZONTES DO DESENVOLVIMENTO  
AFRICANO NO LIMIAR DO SÉCULO XXI, LISBOA  
VEGA, 1998, 265 pp.**

José Carlos Venâncio

Nos últimos anos publicaram-se na área dos Estudos Africanos quatro ou cinco títulos que vieram contribuir, quer em termos de conteúdo, quer de teoria, para a consolidação deste domínio científico em Portugal. Um desses estudos é seguramente este em que o autor, contrariando o espectro do afro-pessimismo, analisa teorias, práticas políticas e, mais do que isso tudo, aponta, com uma coragem pouco usual nestes domínios, soluções para o círculo vicioso de subdesenvolvimento em que o continente parece ter mergulhado. O livro é composto por quatro capítulos, consistindo o primeiro (*Das teorias da crise à crise das teorias*) na recensão das muitas proposições e teorias que, a propósito da questão do desenvolvimento, sobretudo em relação aos países do Sul (termo que Adelino Torres prefere ao de Terceiro Mundo), se tem produzido. Contrapõe a heterodoxia desenvolvimentista à ortodoxia neoclássica que, através das instituições de Bretton Woods, continua a dominar o universo das políticas desenvolvimentistas, quer nos países do Norte, quer nos do Sul. “A percepção sumária das instituições de Bretton Woods relembra a dos antigos colonizadores, na medida em que ignora as gramáticas particulares, sobrepondo-lhes a estereotopia de uma leitura que apenas apreende elementos simples e incondicionados, correlatos de uma matriz teórica não-complexa”, diz-nos a dado passo do ensaio (p.120).

No segundo capítulo (*Desenvolvimento e modernidade*), de índole mais sociológica, são discutidas as contradições da modernização em África enquanto processo histórico-antropológico e enquanto política desenvolvimentista. A questão da integração, sobretudo regional, constitui o conteúdo do terceiro capítulo, intitulado *O debate sobre a*

*integração*. Nele se discute - não apenas em relação aos países do Sul-, os benefícios da integração regional, averiguando nomeadamente em que medida esta poderá responder ao espírito concorrencial (que o autor não renega totalmente) implícito à mundialização e à liberalização das economias, servida como panaceia para todos os males de que enfermam as economias nacionais neste fim de século. O autor mostra como em África esta integração, sendo um importante veículo para o renascimento das respectivas economias e sociedades, fica, por enquanto, aquém das expectativas. Faz a esse propósito observações úteis sobre agrupamentos regionais em África, tais como a CEDEAO (Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental) e a SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral), mostrando o impacto comercial e social de cada uma.

No quarto e último capítulo (*Mercados: factor de desenvolvimento?*) discute-se a pertinência do mercado como factor de desenvolvimento em África, a par de uma integração regional que, como se viu, continua incipiente. Adverte, porém, os que teimam em reduzir o desenvolvimento integrado do mercado à simples “oportunidade de negócios”, que, por essa via, fazendo depender o desenvolvimento industrial exclusivamente da “elasticidade-rendimento” da procura dos respectivos produtos, não se atingirá forçosamente uma melhoria da produtividade. O acento tónico deverá ser posto na “eficiência e na redução dos custos, de maneira a que as empresas (...) ocupem (...) um lugar nesse mercado em função da elasticidade-preço da procura para os seus produtos” (p.177). Não é, assim, o mercado que deve adaptar-se às empresas, mas sim o contrário. São elas que (...)” devem responder às necessidades expressas e potenciais daquele” (p.177). O apelo a um desenvolvimento mais endógeno, implícito nesta argumentação, ganha particular importância pelo facto de o autor entender que uma das saídas possíveis para África reside na cooperação euro-africana, mormente na monetária, com a extensão da experiência da Zona Franco a todos os países africanos.